

A FILOSOFIA REPRESENTADA EM FOTOGRAFIAS

Gilberto Oliari*
Elisete Medianeira Tomazetti**

Resumo: o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a aprendizagem da Filosofia no Ensino Médio. Apresenta resultados de uma pesquisa, com as questões: “O que representa a disciplina de Filosofia na escola?”; “O que significa estudar Filosofia?”, realizada com estudantes secundaristas de uma escola pública da cidade de Chapecó – SC. Para responder as questões citadas, os alunos foram convidados a registrar uma fotografia que as representasse. Pode-se concluir que aprender Filosofia no Ensino Médio, contribui para o exercício de pensamento e construção: pensamento que busca conhecer-se para insere-se no mundo comum; construção de conceitos e saberes para toda a vida.

Palavras-chave: Educação. Ensino de Filosofia. Tempo de Pensamento. Escola.

Considerações iniciais

Filosofia, componente curricular amado e odiado por muitos, persistente em sua construção de pensamento. Essa afirmação inicial é o retrato do que inúmeros professores de Filosofia tem vivido nos últimos tempos no Brasil, e talvez fora dele também. Parece que a cada reforma do ensino que se faz em um país, ou em um Estado federativo, alguns componentes curriculares sempre precisam retomar seu discurso em defesa de sua permanência no currículo da Educação Básica. A Filosofia é um destes. O texto que se segue, tem a pretensão de ser a expressão de uma micro resistência a discursos de desvalorização da Filosofia, é micro porque que um professor olha para seus estudantes, desafia-os e reflete sobre a materialidade produzida por seus alunos. E, nesse sentido, rebate muitos discursos preconceituosos sobre o ensino de Filosofia.

*Graduado em Filosofia e Ciências da Religião – UNOCHAPECÓ. Mestrado em Educação – UNOCHAPECÓ. Doutorando em Educação PPGE/UFSM. E-mail: gilba@unochapeco.edu.br.

**Doutora em educação. Professora Titular do Departamento de Metodologia do ensino. Curso de Filosofia. Centro de educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFSM. E-mail: elisetem2@gmail.com

Componente curricular fortemente enciclopédico, sem relações com a vida, ou ainda acusado de doutrinador comunista, esquerdista e revolucionária; estas são acusações constantemente dirigidas a Filosofia. Estas ideias, presentes em pensamentos e discursos de pequenos grupos, vêm à tona, em discursos políticos e acadêmicos, logo que se iniciam em 2016 as discussões sobre uma possível reforma do Ensino Médio no Brasil, que ganha corpo em 2017, e, que ainda na escrita deste ensaio não se resolveu por completo. Como professor de Filosofia no Ensino Médio, refletindo sobre o trabalho que desenvolvo, não concordo com essas acusações e para tal construo este artigo que tem por objetivo refletir e analisar as representações da Filosofia apontadas por estudantes secundaristas e contestar argumentos falaciosos de que a Filosofia pouco contribui com a vida e o com o conhecimento dos estudantes.

Outro argumento que se tenta rebater diz respeito às acusações que se fazem também aos estudantes; muitos professores afirmam que estes “precisam aprender a ler, a escrever, a dialogar, a duvidar, a estudar, a pesquisar, a pensar” (HEUSER, 2015, p. 55). Sem dúvidas que esses aprendizados são necessários àqueles em processo de formação, porém muitas vezes esses discursos têm como pretensão apresentar a imagem de um aluno como uma “tabula rasa”, apto a “receber” aquilo que lhe for transmitido. É por isso, que se resolve dar voz (ou vez) a esses estudantes para mostrarem com suas próprias imagens o que a Filosofia é para eles; um caminho que pode ser de avaliação também ao professor, em que possa se perguntar: o que estou fazendo? Defende-se, portanto, que professor e aluno estão em processo de formação e que valorizar a representação que o estudante faz do componente curricular, significa afirmar que ele é sujeito da sua história e que tem direito, que é não apenas um receptor de conteúdos, mas um ressignificador de conceitos em sua vida – existência.

As representações aqui apresentadas e problematizadas são únicas, pois leva em consideração que “a comunidade de alunos é uma comunidade única” (MASSCHELEIN, SIMONS, 2017, p. 85), ou seja, pode ser que outros estudantes de outras escolas, produzam e representem a Filosofia de inúmeras outras formas. No entanto, essa comunidade de alunos “é uma comunidade de pessoas que não têm nada (ainda) em comum, mas, por confrontarem o que é fornecido, os seus membros podem experimentar o que significa compartilhar alguma coisa e ativar sua capacidade de renovar o mundo” (idem). Os sujeitos nada têm em comum antes de iniciar o diálogo ou a formação propriamente dita, mas, quando apresentam seus produtos experimentam a capacidade de compartilhar formas de renovar o mundo. É o que será possível perceber quando olharmos para as fotografias; percebe-se nelas uma forma de

resistência e de compreensão da Filosofia, muito além de discursos que afirmam sua inutilidade; de algum modo, os alunos que participaram desta pesquisa renovam a compreensão do que significa estudar Filosofia no Ensino Médio.

Por se tratar de representações, este texto, que tem inspirações visuais, busca “trabalhar com os sujeitos de pesquisas em vez de produzir sobre eles” (BANKS, 2009, p. 124), ou seja, as imagens produzidas pelos estudantes (conforme metodologia a ser descrita em um momento específico deste texto) expressarão, por elas mesmas, sendo interpretadas e fundamentadas em leituras apropriadas. As imagens farão parte do texto, e é por isso que existe a necessidade de uma abertura de aprendiz por parte do pesquisador e também do leitor, pois “só podemos olhar o outro e a sua história se temos conosco mesmo uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história” (WEFFORT, 1996, p. 10). É necessário estabelecer um processo de alfabetização do olhar, não olhar com estereótipos e métodos formatadores, e sim como possibilidades de ler a realidade, valorizar como o outro pensa e perceber como pequenas imagens, que representam pequenos gestos, possibilitam conhecer, tornar-se sábio e ressignificar a própria vida.

1 Contexto e método

O grupo de alunos que participou da construção da materialidade da pesquisa foram estudantes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola de Educação Básica, localizada no município de Chapecó – SC. O direcionamento a esses alunos não se dá por acaso; os estudantes envolvidos são meus alunos desde o primeiro ano do Ensino Médio. O desafio foi lançado no início do mês de setembro de 2017, ou seja, quando já se encaminhavam para o encerramento de mais um ano de formação secundarista com o componente curricular de Filosofia.

Vale salientar que neste terceiro bimestre, o professor estava abordando o conteúdo de Filosofia, presente no livro *Fundamentos da Filosofia* (COTRIM, FERNANDES, 2013), *Pensamento do século XXI* (p.304). Foram destacados os conceitos: problemas da existência – Heidegger e Sartre; A virada linguística – Russell e Wittgenstein; escola de Frankfurt – Habermas; Filosofia pós Moderna – Foucault e Derrida. Este contexto teórico, que estava sendo apresentado, lido, estudado e debatido, possivelmente tenha servido como referencial teórico para os registros, embora não tenha se valido como referência para a construção das imagens.

Quanto a organização e encaminhamento do trabalho, os estudantes foram convidados, por adesão espontânea, a representar através de uma fotografia as seguintes questões: “O que representa a disciplina de Filosofia na escola?”; “O que significa estudar Filosofia?”. Essas questões serviram como pano de fundo para a reflexão que segue neste texto. O registro fotográfico foi realizado, na totalidade, através de equipamentos celulares, bem amadores, e, por isso foi solicitado que o registro fosse encaminhado por aplicativo de *whatsapp*, o que posteriormente foi salvo em e-mail pelo professor e, logo após a participação dos estudantes, as fotografias foram compartilhadas em redes sociais do pesquisador.

De acordo com o planejamento, fez-se a orientação de que o registro fotográfico fosse pessoal, que não poderiam ser recortadas de outros lugares e que o próprio estudante fosse o autor do registro. Nesse sentido, eles poderiam editar a imagem se fosse de seu desejo, bem como preparar um cenário para fazer o exercício; tudo isso a partir de seu ponto de vista e com a liberdade que é inerente ao estudante. O único limite apresentado foi para que se evitasse o registro de “rostos”, pois se evita constrangimentos e o uso da imagem para a pesquisa torna-se impessoal. Visto que algumas imagens seriam registradas na própria escola, foi necessário que o pesquisador estabelecesse um diálogo com a direção e a coordenação pedagógica para que a utilização do celular fosse autorizada no ambiente escolar para tal atividade.

Algumas peculiaridades do processo: muitos estudantes perguntaram se a atividade com as fotografias valeria nota, pois entenderam que seria uma atividade avaliativa do professor. No entanto, foi salientado que a participação era de livre e espontânea vontade e que, desta forma, não faria parte do processo avaliativo do componente curricular. Outra solicitação feita pelos estudantes foi a presença de seus nomes no artigo, como autores das fotografias. Foi necessário explicar a eles que pesquisas científicas tendem a certa neutralidade das fontes de materialidade e que para citá-los seria necessária a autorização de uma comissão de ética. Talvez por isso o número de registros tenha sido muito inferior ao número de estudantes do segundo ano do Ensino Médio; entre setenta e oito alunos, apenas nove estudantes se envolveram e encaminharam seus registros fotográficos, dos quais quatro compõem a análise neste ensaio.

Quanto a interpretação das imagens, inicialmente pensava-se que seria possível interpretá-las sem necessidade de diálogo ou de explicação por parte daqueles que tinham feito o registro, no entanto, essa expectativa foi desfeita quando do encaminhamento da imagem pela por uma estudante. Era um registro enigmático e difícil de ser lido e interpretado

(conforme será possível perceber na próxima seção deste artigo); por isso, em alguns casos, se fez necessário solicitar aos estudantes as explicações sobre seus registros através do próprio aplicativo, pelo qual foram enviadas as fotografias. Dessa forma, foi possível entender como a experiência de visualizar e interpretar a fotografia do estudante levou o pesquisador a refletir sobre a complexidade, a riqueza e a profundidade, que apenas palavras escritas não ofereceriam tais condições.

2 Analisando as fotografias dos estudantes

As análises textuais que seguem com as fotografias buscam levar em conta a narrativa interna que a mesma possui (BANCKS, 2009). Essa forma de analisar as imagens baseia a argumentação na questão - “Esta é uma fotografia de quê?” (BANCKS, 2009, p. 29), as respostas se entrelaçam e descrevem os elementos presentes, com as possibilidades de interpretação que podem ser feitas. Neste sentido, a busca reflexiva baseia-se na defesa que as imagens agem, provocam, instigam e pode ser resumido pela questão “o que as imagens querem?” (BANCKS, 2009, p. 26), ou seja, cada imagem apresenta de forma intencional uma forma de pensar e entender a Filosofia na vida estudantil (e, talvez fora da escola) e, portanto, elas agem, instigando outros a pensar e a entender o contexto.

Vale destacar que as imagens, adiante apresentadas, são “o ponto central, no caso da representação visual, é que a coisa vista [...] é uma coisa por si só, não uma mera substituta para a coisa não vista, a coisa representada” (BANCKS, 2009, p. 31). Portanto, as imagens apresentadas referem-se a um modo de perceber, que é subjetivo e que exigiu que os participantes pensassem e se esforçassem para fazê-lo e, por isso, elas devem falar por elas mesmas. Bancks (2009) destaca que uma representação visual possui pelo menos três propriedades 1 – sua forma é dita por um conjunto de códigos – diferentes elementos, foco, perspectivas; 2 – ela reflete, constitui e está integrada a processos sociais – ao modo como os sujeitos percebem a situação; 3 – a representação tem algum tipo de força intencional por trás dela – o que o sujeito pretendeu apontar, influir com tais elementos (BANCKS, 2009, p. 31). Tais apontamentos são levados em consideração em nossa reflexão sobre as imagens apresentadas pelos estudantes.

Como professor, buscamos diferentes maneiras para envolver os estudantes na aula e possibilitar que eles pensem e insiram-se no mundo comum. Como pesquisador, temos a tarefa de apresentar um modo de ler a realidade, de pensar sobre ela, e de intuir sobre o dia a

dia pedagógico algumas reflexões. Instigados por António Nóvoa (2015) defendemos que “o que importa, na ciência, é a capacidade de ver de outro modo, de pensar de outro modo. Se repetirmos o mesmo, encontramos o mesmo. Sem transgressão, não há criação, não há ciência” (p. 15). É por isso que olhamos para a realidade de uma forma não descritiva, ou não narrativa, e sim representativa, através de fotografias. Fotografia, que registram cenas e acontecimentos pedagógicos dos participantes – esta é a materialidade que possibilitou nossa reflexão.

Recolher-se para aprender. A imagem número 1, composta por uma pessoa (desconhecida) com um tecido cobrindo o rosto, um muro com grades em segundo plano, um óculos escuro onde poderia se ver os olhos, pode representar a necessidade de “reclusão” pessoal para conhecer-se, para encontrar-se. Utilizo as palavras de Michel Serres “aqueles que aqui apresento não vivem mais na companhia de animais, não habitam mais a mesma Terra, não tem mais a mesma relação com o mundo” (2015, p. 13). Esses jovens, estudantes do Ensino Médio da Educação Básica, brasileiros, buscam respostas para a pergunta: qual o meu lugar nesse mundo? Nós, professores (adultos) buscamos de muitas formas apresentar possibilidades de inserção, mas muitos jovens preferem encontrar seu caminho sozinhos. E a Filosofia, pode proporcionar esse espaço de recolhimento.



Imagem 1



Imagem 2

Encontrar os modos de ser e estar no mundo podem referir-se ao processo de natalidade, “é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular de nosso aparecimento” (ARENDDT, 2008. p.189) é processo de buscar e revelar a identidade por detrás do anonimato. Para os estudantes recolher-se para conhecer-se é necessário, pois “não cabe a nós (professores) antecipar o que as novas gerações venham a fazer segundo o entendem que o mundo possa ou deva ser, segundo sua própria ação” (WUENSCH, 2015, p. 41). É por isso que a atividade filosófica na escola se configura de alto risco, pois os resultados desse processo de autoconhecimento trazem o elemento da imprevisibilidade para o ensino, afinal “um dos sentidos fundamentais da natalidade é a liberdade, a espontaneidade da liberdade, enquanto um início de quem *somos* e do *quê* podemos trazer ao mundo” (idem, p. 51).

A imagem número 2 parece que vem para confirmar aquilo que Michel Serres (2015), no livro *Polergazinha*, afirma: “não me reconheçam mais pela minha cabeça, por seu denso recheio ou por seu perfil cognitivo singular, mas sim por sua ausência imaterial, pela luz transparente que emana da decapitação” (p. 42). Em sua composição, uma imagem de “careta” feliz, estampada em uma camiseta, também com um óculos escuro pode representar o estado de espírito que um jovem, ao fazer o processo de recolher-se e encontrar-se, apresenta para o mundo. Para que não fiquem dúvidas: esses dois registros foram planejados e realizados conjuntamente por dois estudantes, por isso há faz-se uma relação na interpretação.

Na verdade, há uma narrativa contundente por detrás das duas fotografias. Foram difíceis de serem interpretadas e necessitamos dialogar com os estudantes. A forma de apresentar um rosto coberto pelo tecido é um jeito pessoal de apresentar resistência a uma regra (não poderia aparecer rosto humano na fotografia). No diálogo eles afirmaram que seria impossível representar uma atividade que é humana sem apresentar uma figura humana. As fotografias juntas contam uma história: o estudante recolhe-se, pensa, estuda, interpreta o mundo (na imagem 1); após esse processo, quando ele entra o seu lugar no mundo ele fica feliz, realizado e pleno (imagem 2), embora as vezes seja necessário voltar e refazer o exercício. Esse exercício requer construção e tempo.

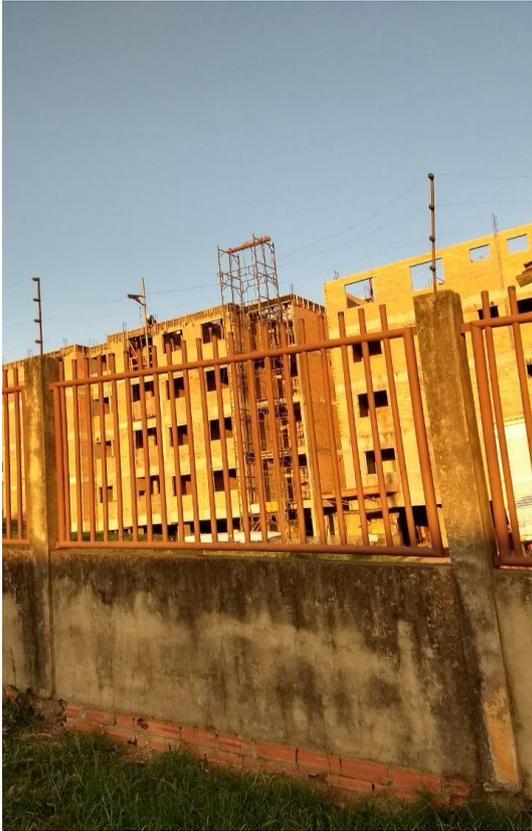


Imagem 3



Imagem 4

Uma difícil construção. Essa pode ser a expressão que sintetiza o que a imagem número 3 pretende transmitir. Conceitos diferentes, problemas muitas vezes abstratos, poucas aulas etc. podem representar o muro e as grades no primeiro plano desta imagem. Sem dúvidas que a Filosofia conceitual e histórica é de difícil acesso, porque exige abstração, concentração, reflexão e posicionamento, atitudes que muitos jovens, estudantes do Ensino Médio, tem dificuldade de ter. Nessa convocação à Filosofia existem exigências: “é preciso se desviar, ainda que temporariamente, da realidade cotidiana, do senso comum no qual passamos a maior parte de nossas vidas sobrevivendo em um mundo clichê” (HEUSER, 2015, p. 57), mundo este que desafia cada vez menos a pensar, a ouvir e a sentir. Seja pela influência das tecnologias de informação e comunicação; seja pela concretude de outros componentes curriculares, seja pelo posicionamento pedagógico da direção ou das coordenações escolares, a construção filosófica é difícil, justamente porque precisa superar as barreiras cotidianas e ir além.

O terreno, para além do muro, para além das barreiras é um terreno de construção, de ressignificação. Na construção predial – em segundo plano na fotografia – cimento, tijolo e conhecimentos se ressignificam, se unem, se consolidam e sobre bases – não visíveis na imagem – solidificam um local habitacional. “Esse trabalho exige um processo solitário e

demorado de estudo” (HEUSER, 2015, p. 69). A construção de um local de habitação também é significativa e pode representar que aprender Filosofia é romper barreiras e construir um local argumentativo e reflexivo para habitar uma vida fora da escola. Sem dúvidas que a imagem é intencional, para afirmar que é difícil mas vale a pena.

Essa construção não é rápida, demanda planejamento, estudos e reflexões; é o que a imagem número 4 nos transmite. Estudar Filosofia é ter tempo. A imagem apresenta como elementos um relógio, em primeiro plano, um braço humano em segundo plano e um quadro branco (de sala de aula) em terceiro plano. Pode representar que estudar Filosofia, é uma atividade humana (representada pelo braço), escolar (o quadro) e tempo, que pode ser cronometrado por se tratar dos minutos de aula, ou apenas representar um “perder-se no tempo”.

O elemento tempo é bastante contundente. Nesse sentido, pode-se compreender que “a escola é um tipo de vácuo no qual é dado tempo aos jovens e aos alunos para praticarem e se desenvolverem” (MASSCHELEIN, SIMONS, 2017, p. 73). Esse *vácuo* é considerado como a suspensão daquilo que prende o jovem ao mundo, para que ele, de fora de seu mundo, possa conhecê-lo melhor e buscar o seu espaço de inserção no mundo comum. “Esse tempo não é ou não precisa ser produtivo; é tempo que permite a alguém se desenvolver como um indivíduo e como cidadão, isento de quaisquer obrigações específicas relacionadas ao trabalho, familiares ou sociais” (idem, p. 97), ou seja, aprender Filosofia, pode não ser produtivo (e não sabemos se precisa ser), no entanto, permite estabelecer exercícios de pensamento, os quais liberta as condições de conhecimento e aprendizagem com vistas a situar-se como habitante desse mundo.

Considerações finais

Em nossa análise foi possível perceber que o ensino de Filosofia não há doutrinação esquerdista ou comunista, pelo contrário, aliado a discussões filosóficas, há um incentivo ao pensamento que relacione o conteúdo com a vida dos estudantes. O que nos leva a pensar que há uma relação entre a Filosofia e cotidiano estudantil. Imagens e aportes teóricos utilizados corroboram na afirmação de que a Filosofia pretende disponibilizar tempo livre para que cada um pense-se e se insira no mundo conforme a sua vontade, a partir da liberdade que lhe é inerente.

Destaca-se, portanto, que os argumentos citados ao longo do texto, não são meros devaneios ou imaginações do pesquisador. Os estudantes foram convidados e expressaram seu pensamento, aquilo que lhe parecia mais apropriado. E, a partir das imagens e das reflexões construídas defendemos a permanência da Filosofia na Educação Básica, pois ela é capaz de garantir a renovação do mundo comum.

Vale salientar que as interpretações das imagens realizadas ao longo do texto, são dos autores do texto e, não são derradeiras, não tem pretensão de esgotá-las em sua completude. Ao contemplar as interpretações, embasados em Masschelein (2017), defendemos, assim como o autor da obra, *Em defesa da Escola*, que a escola necessita ter como prioridade criar igualdade social de acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento social dos envolvidos. Nesse processo a Filosofia pode possibilitar exercício de pensamento que possibilita o jovem inserir-se no mundo dos adultos e trazer consigo sua possibilidade de novidade.

Referências

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 10ª edição.

BANCKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos da Filosofia** (Manual do Professor). São Paulo: Saraiva, 2013. 2ª edição.

HEUSER, Ester Maria Dreher. Filosofia na Escola e a imprescindível experiência da solidão. In: Tomazetti, Elisete M. (org.). **Ensino de Filosofia: experiências, problematizações e perspectivas**. Curitiba: Editora Appris, 2015.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigar em educação – IIª série**. Braga (PT), n. 3, p. 13-21, 2015. Disponível em: <<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/83/82>>. Acesso em: set. 2017.

SERRES, Michel. **Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, registro e reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

WUENSCH, Ana Míriam Altmayer. Considerações sobre natalidade e educação em Hannah Arendt. In: Tomazetti, Elisete M. (org.). **Ensino de Filosofia: experiências, problematizações e perspectivas**. Curitiba: Editora Appris, 2015.